

PLATAFORMA DO PARA-FORMAL: CONTROVÉRSIAS E MEDIAÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO

GLAUCO ROBERTO MUNSBERG DOS SANTOS¹; RAFAELA BARROS DE PINHO²; EDUARDO ROCHA³

¹Universidade Federal de Pelotas – glaucomunsberg@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A “Plataforma do Para-formal¹: Controvérsias e medições no espaço público”, cria um ambiente digital para armazenar, promover a interação e o pensamento crítico sobre as cenas dos territórios “para-formais” no centro de cidades, investigando repertórios, redes de interação, conflitos e potenciais. Com o uso de relações infográficas para detectar os espaços dinâmicos, sistemas de forças, fluxos e de interatividade.

Assim a plataforma se propõe a ser um meio por qual será divulgado as capturas de para-formalidades através de um conjunto de ferramentas integradas para tornar a informação organizada geograficamente em um espaço virtual representando o local de onde foram apreendidas. Contudo a noção de para-formalidade aqui é restrita as atividades (comerciais, culturais, de moradia, lazer etc.) encontradas no espaço público da cidade que não fazem parte do seu desenho urbano (GEHL, 2010) “agora” - na contemporaneidade - faz parte de seu “cotidiano” (CERTEAU, 1994) (Fig 1).



Figura 1 – “Para-formalidades”. Fonte: Cidade + Contemporaneidade.

¹ Para-formal é um conceito criado pelo grupo de pesquisa GPA (Gris Público Americano) integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberri, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger, numa rede entre as Universidades de Montevideu, Buenos Aires e São Paulo. A ideia é aproximar as ecologias urbanas às frestas da contemporaneidade, ou seja, o “para-formal” habita o “entre” a “formalidade” e a “informalidade” existente nos territórios da cidade.

A problematização nasceu da necessidade de construir um espaço em forma de plataforma na *web*, acessível para exploração do público e divulgação destas informações fotográficas e textuais captadas por outros e pela equipe da pesquisa “Para-formal no Centro da Cidade”². Sendo assim possível através dos colaboradores do projeto ou internautas acessarem de forma a cadastrar as informações coletadas sobre as para-formalidades, catalogá-las e publicá-las de forma a representar através de sua percepção o espaço real do qual foram retiradas.

Evidenciou-se a necessidade de utilização de tecnologias existentes para apoio, ou seja, que representariam o espaço em forma de mapa do local no navegador *web*, daquele que acessa, e tendo sobre ela uma cobertura de informações. Sendo esta camada ao mesmo tempo disposta a representar a localização espacial da para-formalidade bem como o seu significado contextualizado geograficamente.

Exigiu-se então o conhecimento adequado de tecnologias para o sistema de informação e a interoperabilidade³ destas para a construção de uma comunicação entre a para-formalidade, agora virtual, e o público-alvo que aqui se delineia como sendo a comunidade, de onde se aplicou a captura, para dar visualidade ao conceito do “entre” a “formalidade” e a “informalidade”, também reforçar a identidade daqueles que pertencem a esse fenômeno e o público que com a virtualização da para-formalidade adquira o conhecimento cognitivo oferecido por essa interação.

2. METODOLOGIA

Os métodos adotados foram inicialmente relacionados ao delineamento de como levar ao público alvo (para-formal e comunidade em geral) a informação de maneira viável, tanto computacionalmente como visualmente arranjada possibilitando a interação com a mesma, sem a necessidade de ser assistida por outros conhecimentos ou instrutores (autônoma) se não aqueles básicos obtidos no cotidiano da navegação na *web*.

Posteriormente optou-se por usar elementos da *web* que viabilizam tanto a agilidade da construção da Plataforma, a de usabilidade⁴ para usuário, bem como ferramenta de domínio público para construir o espaço cartográfico, aqui nota-se o *Google Maps* como referência. Também linguagens de programação voltadas para a *web* no intuito de compilar as informações capturadas.

Houve a necessidade de entender como seria realizada a intercomunicação destas ferramentas com o usuário e como seriam dispostos os ambientes de forma ergonômica (Fig 2). Durante todo o desenvolvimento, até então, foram realizados testes de usabilidade com aqueles que se envolveram com o projeto,

² Para-formal no Centro da Cidade, é um projeto internacional financiado pelo CNPQ, que tem como objetivo descobrir e mapear as para-formalidades em centros de cidades latino-americanas. Coordenada pelo Prof. Dr. Eduardo Rocha desde 2011, do qual fazem parte os grupos Cidade+Contemporaneidade da FAUrb/UFPel e GPA da FADU/Buenos Aires, já catalogou as para-formalidades nas cidades de Bagé, Salvador, Buenos Aires, Montevideu, Santiago do Chile, Santo Ângelo, La Plata, Pelotas, São Paulo e Brasília.

³ Segundo PRESSMAN, 1995, na engenharia de software Interoperabilidade é o esforço exigido para se acoplar um sistema a outro.

⁴ Também segundo PRESSMAN, 1995, Usabilidade é o esforço para aprender, operar, preparar a entrada e a interpretar a saída de um programa.

principalmente na área de transformação da informação textual e fotográfico para os meios digitais.

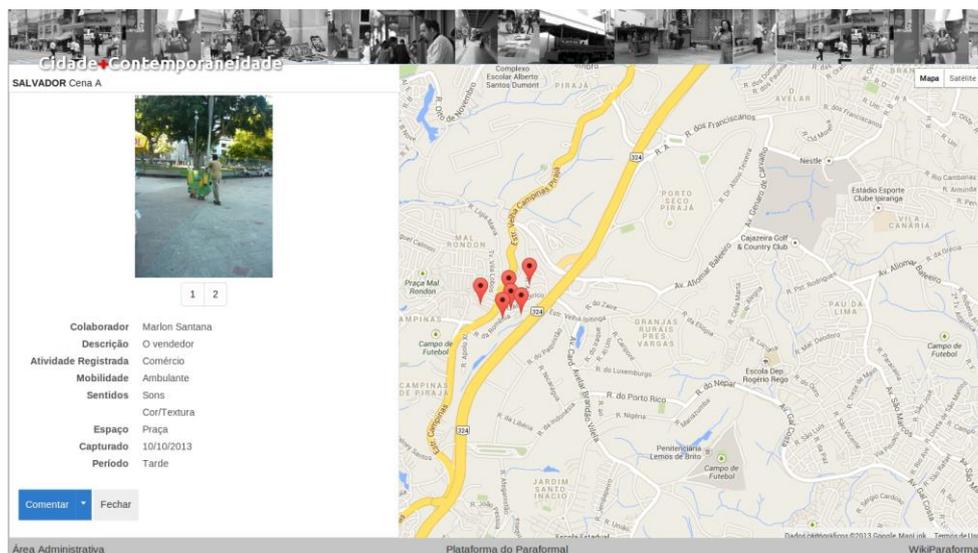


Figura 2 – "Plataforma Para-formal". Fonte: Cidade + Contemporaneidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao decorrer do desenvolvimento, que definimos como o primeiro momento desta pesquisa, notou-se que havia a necessidade da espera de um amadurecimento maior da pesquisa "Para-formal no Centro da Cidade" (ROCHA, 2010) que nos serviu de base. Pois a compreensão mais intensa do que é a para-formalidade implicou em como esta aplicação serviria como suporte para o para-formal.

Frente a esse maior delineamento do que é o para-formal, a aplicação construída por nos passou por um período de profundas mudanças que resultaram em um avanço em relação às informações essenciais e de relevância ao público em geral.

Com isso foi efetuada uma série de ajustes para a adequação desta plataforma para se comunicar de forma limpa e clara com o internauta. Estes adaptações que ocorreram no passar do último ano foram obtidos através dos participantes do projeto, colaborações em eventos de amostra como o CIC/UFPEL 2012 e leigos, que ao nosso ver, foram fundamentais para a atual formatação da plataforma.

Notou-se também a necessidade de uma área destinada ao público, para atualizar as para-formalidades, tendo em vista que a para-formalidade tangencia a "informalidade" isso a torna móvel, fluída e a plataforma necessita permitir o mesmo já que visa coexistir com o espaço público da cidade de onde foi apreendida.

Atualmente se verifica o potencial e a abrangência permitida pela plataforma e principalmente a capacidade e emergência das cenas para-formais na sua forma virtual de interagir. Tentamos assim nesse momento proporcionar ao visitante da plataforma uma interação que o faça pensar as controvérsias deste "entre" o "formal" e "informal". Para isso criamos um intercâmbio a partir de redes sociais.

Fazendo essa integração também capaz de se estender além da área da plataforma ou de seus próprios objetivos iniciais, instigando o usuário a fazer

questionamentos ou relatar em comentários sua visão, perspectiva, sobre a para-formalidade, montando um mapa: cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Junto com isso, agora nos parece fundamental a abertura da plataforma para a comunidade, ou seja, o público poder inserir imagens e informações através de oficinas em centenas de outras cidades.

4. CONCLUSÕES

Desde a concepção até a implementação da estrutura básica, a “Plataforma do Para-formal” se mostrou promissora, ao possibilitar a interação tanto de ferramentas digitais como a colaboração entre os para-formais, a comunidade, autoridades e instituições envolvidas em tal controvérsia.

Os resultados preliminares obtidos até agora viabilizaram e justificam a sua existência tanto como um auxiliar no processo de preservação da informação coletada, como numa forma de resistência.

Focam-se agora esforços para que esta seja não apenas um meio de informação estático, mas para que possa transformar-se num meio informático dinâmico, compartilhado e disseminado via redes sociais, e-mail, impressão, etc.

Neste momento viabiliza-se a visualidade das informações em conjuntos de cidades, por populações, localizações geográficas, etc. Isso permitirá a captura de informações coletivas a partir da construção de subjetividades.

Conclui-se que a continuidade de sua construção visando tanto à esfera da preservação da informação, da interação com público e da proliferação do para-formal é fundamental para que haja até mesmo um maior uso da comunidade em geral do que afinal é a para-formalidade, bem como conhecer melhor o ambiente em que habita.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**. 1 ed. Petrópolis: Artes de fazer, Vozes, 2004.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

GRIS PUBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bisman Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.

PRESMANN, R. S. **Engenharia de Software**; Tradução José Carlos Barbosa dos Santos; São Paulo: Makron Books, 1995.

ROCHA, E. **Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia na fronteira da arquitetura, da filosofia e da arte**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. [tese de doutorado]

ROCHA, E. **Cartografias Urbanas**. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.

UPTON, D. **Codelgniter for Rapid PHP Application Development: Improve your PHP coding productivity with the free compact open-source MVC Codelgniter framework!**. 1 ed. UK: Brimingham, 2007.

WANDSCHNEIDER, M. **Core web application development with PHP and MySQL**. 6 ed. US:Prentice Hall, 2006.